

Bloco de Notas

A atracção de Pyongyang

As duas Coreias anunciaram em Abril a realização da sua primeira cimeira conjunta, a nível de chefes de Estado, no próximo dia 12 de Junho. Da parte da Coreia do Norte este gesto de conciliação e de quebra do isolamento tem uma motivação muito concreta: a desastrosa situação económica em que o país se encontra. Segundo a *Newsweek*, o quase completo colapso da economia em algumas zonas está a obrigar o Governo a permitir o aparecimento de um capitalismo básico em algumas quintas e mercados. Só que este projecto implica o envolvimento de alguns dos maiores “inimigos” de Pyongyang, desde os industriais da Coreia do Sul, a grandes empresas americanas, comerciantes chineses, ou representantes de instituições como o Banco Mundial. A ideia do regime norte-coreano é manter estes elementos estranhos em determinadas “zonas de desenvolvimento”, onde possam ser controlados. “Estamos a assistir não à abertura de um mercado, mas ao renascimento de uma economia de concessões tipo século XIX”, explica K.A. Namkung, consultor de uma firma baseada em New Jersey e visitante regular da Coreia do Norte. ■

O poder de Boris Berezovski



Que poderosos oligarcas como Boris Berezovski estiveram por detrás da surpreendente vitória eleitoral de Vladimir Putin, o novo presidente da Rússia, já muita gente tinha insinuado. O que é interessante no texto publicado recentemente no diário britânico *The Guardian* dizendo exactamente isso é que é assinado pelo poderoso financeiro George Soros, um homem que conviveu de perto com Berezovski. Soros compara a ascensão de Putin, uma figura que há menos de um ano era completamente desconhecida para os russos, com a também inesperada reeleição de Boris Ieltsin em 1996, numa altura em que as sondagens indicavam que o então presidente russo não tinha mais do que 10% de popularidade. “Da minha longa experiência com Boris Berezovski vi a mão dele em ambas as operações”, escreve Soros no artigo, em que revela a mentalidade e a forma de actuar do homem que muitos vêem como um novo Rasputin nos corredores do Poder russo. ■

A eficácia das sanções

O Conselho de Segurança das Nações Unidas decidiu criar um grupo de trabalho que deverá fazer recomendações sobre a forma de tornar mais eficazes os regimes de



Coordenação: Alexandra Prado Coelho

sanções impostos a alguns países. Entre os alvos desta política de sanções estão, ou estiveram, por exemplo, o Afeganistão, o Sudão, a Jugoslávia, a Libéria ou a Líbia. O objectivo da reflexão agora iniciada é, explicou o subsecretário-geral da ONU para os assuntos políticos Kieran Prendergast, aumentar o impacto das sanções nos alvos a que se destinam (geralmente os regimes no Poder) e, simultaneamente, “proteger, em termos humanitários, dos seus efeitos os segmentos mais vulneráveis da população”. ■

Panamá, mercado de armas



O Panamá tornou-se um gigantesco mercado de armas para os grupos de guerrilha latino-americanos, que pagam em dinheiro ou em droga. Entre os clientes contam-se as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC, marxistas) ou o Exército de Libertação Nacional (ELN, de inspiração cubana), também colombiano, ou ainda o Sendero Luminoso do Peru ou os Tupac Amaru. Em muitos casos, diz a Reuters, as armas são compradas por traficantes de droga que necessitam de abastecer os seus exércitos privados. As autoridades panamenas afirmam que as armas mais comuns são as AK-47 e as RPG-7, todas elas “sobras” dos milhões de armas que circulavam na América Central no rescaldo dos conflitos dos anos 80 na Nicarágua e em El Salvador. Uma espingarda automática que é vendida por 400 dólares passa a valer 2000 dólares quando chega à fronteira com a Colômbia. ■

Os novos espanhóis

A revista *Courrier International* dedica num dos seus números de Abril um *dossier* aos “Novos Espanhóis – à direita, sem complexos”. Alguns números curiosos incluídos num trabalho da revista *Tiempo* aí reproduzido: há uma



grande diferença no nível de vida dos espanhóis desde 1982, ano em que os socialistas chegaram ao Poder, e hoje; o rendimento anual por habitante passou de 600.000 pesetas para mais de dois milhões; as pensões de reforma continuam baixas, mas subiram de 20.000 para 70.000 pesetas, em média; em 1982 só 23% dos espanhóis consideravam ser classe média, enquanto hoje são 54%. Em termos políticos, surgiu obviamente uma nova geração de eleitores, que não conheceram a guerra civil nem o regime de Franco, e para muitos deles, que cresceram com Felipe González no Poder, o Partido Socialista Operário Espanhol é a verdadeira “referência do passado”. ■